

— Escala de Richter

* António Guerner Dias, [†] Maria Conceição Freitas, [‡] Florisa Guedes, ⁺ Maria

Cristina Bastos

^{*†} Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

[‡] Escola Secundária de Carvalhos.

⁺ Escola Básica 2/3 Soares dos Reis

CITAÇÃO

Dias, A., Freitas, M., Guedes, F., Bastos, M..(2014)

Escala de Richter,

Rev. Ciência Elem., V2(02):158.

doi.org/10.24927/rce2014.158

EDITOR

José Ferreira Gomes,
Universidade do Porto

RECEBIDO EM

28 de janeiro de 2010

ACEITE EM

23 de fevereiro de 2011

PUBLICADO EM

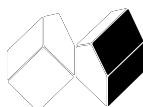
24 de fevereiro de 2011

COPYRIGHT

© Casa das Ciências 2014.

Este artigo é de acesso livre, distribuído sob licença Creative Commons com a designação [CC-BY-NC-SA 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/), que permite a utilização e a partilha para fins não comerciais, desde que citado o autor e a fonte original do artigo.

rce.casadasciencias.org



Escala usada para classificar os sismos em função da quantidade de energia libertada.

Esta escala, criada por Charles Richter em 1935, é também designada escala de magnitude por se basear na magnitude, grandeza que é calculada a partir de dados fornecidos pelos sismogramas, nomeadamente, amplitude máxima das vibrações das ondas sísmicas e distância epicentral.

É uma escala quantitativa, aberta, em que o grau 1 corresponde a um sismo que só é detetado por um sismógrafo. Para magnitudes superiores a 4,5, os estragos são ligeiros, mas acima do grau 7 começam as grandes destruições. O sismo mais violento registado teve uma magnitude um pouco acima de 9.

Segundo as descrições da época estima-se, para o terramoto de Lisboa de 1755, uma magnitude próxima de 8,8